



Público

11-12-2009

Periodicidade: Diário

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 75000

Temática: Cultura

Dimensão: 214

Imagem: S/Cor

Página (s): 46

Pessoa num cabaré anarquista

Um texto de Pessoa com kuduro, rock e webcams, desde ontem no Teatro Municipal Maria Matos. **Cláudia Silva**

O Banqueiro Anarquista

De Fernando Pessoa. Encenação de João Garcia Miguel. Com Anton Skrzypiciel, Ana Rosa Abreu, Isa Araujo, João Pedro Santos, Sara Ribeiro.

Lisboa. Teatro Municipal Maria Matos. Av. Frei Miguel Coutinho, 52. Até 15/12. 5ª a 3ª às 21h30. Tel.: 218438901. 5€ a 12€.

Há concertos para todos os gostos: rock, música tradicional e kuduro. Há simulações de sexo oral. Há pulgas cantantes, entre sons e ruídos que conhecemos dos

desenhos animados, como “tóin tóin”. Ainda com as cortinas fechadas, as luzes apagam-se para vermos apenas, em grande plano, uma personagem anónima que não “consegue viver sem dinheiro” (como nós) e repete aforismos (“to be free is to be free from to be free”) ou desaforos (“pó trabalho que é pa não dizer pó caralho”). Todo o texto é projectado em legendas que deslizam para diferentes sítios do palco. Webcams, manipuladas pelos próprios actores, filmam os não-acontecimentos em palco. Quando não há imagens em tempo real, vemos outras coisas: até “2001: Uma Odisseia no Espaço” (1968), de Stanley Kubrick, aparece em “O Banqueiro Anarquista”.

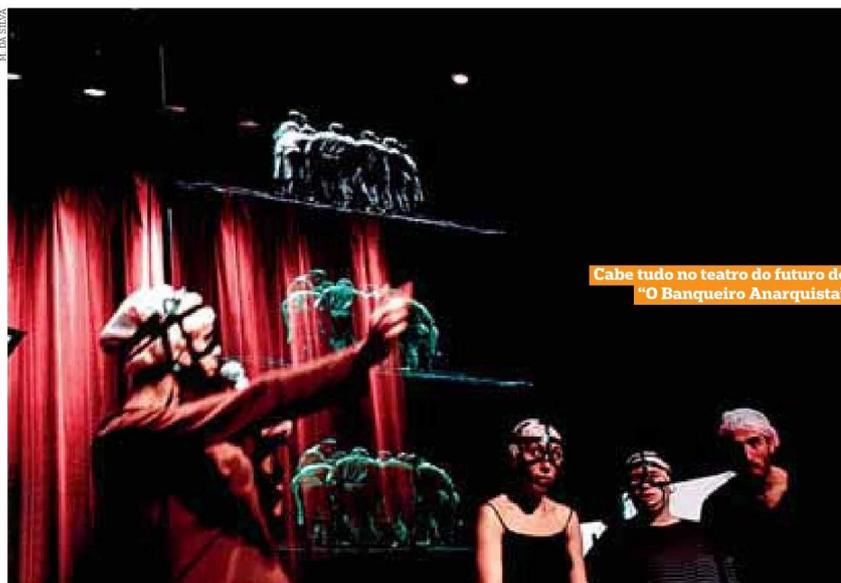
Parece muita coisa misturada? Mas é assim que o encenador João Garcia Miguel trabalhou o curto texto de Fernando Pessoa que dá título da peça, deslocando-o do ano de 1922 para a nossa realidade nua e crua e transformando-o num “cabaré anarquista”. “Gosto de usar esta parafernália, porque me parece que é o mesmo efeito de

perturbação que existe no texto”, diz. “A câmara funciona como um olho exterior, que guia o olhar do espectador”, complementa.

Em duas horas e meia de espectáculo, só ao fim da primeira hora podemos reconhecer Pessoa em palco. Num cenário coerente com aquele que é proposto pelo autor: à mesa de um botequim, um ex-operário que se tornou banqueiro (Anton Skrzypiciel) tenta convencer um interlocutor anónimo (João Pedro Santos) de que a liberdade idealizada pelo anarquismo só se conquista pelo enriquecimento pessoal, ilícito ou não. A ironia de Pessoa ecoa no Portugal de hoje, e a coincidência não podia ser mais fremente: a peça estreou ontem, no dia em que a Assembleia da República votou a criminalização do enriquecimento ilícito. O encontro da ficção e da realidade é puro acaso, confessa o encenador: “Nada disso me interessaria para fazer uma peça”. Tem uma visão mais subjectiva do texto: “É uma anedota e um desafio teatral. Mais do que uma forma de pensar a nossa época, é uma boa forma de pensar o combate com nós próprios”, explica.

Neste “O Banqueiro Anarquista” de João Garcia Miguel, também há uma ironia não propositada que puxa o gatilho da interpretação e dispara em várias direcções. O banqueiro que se intitula anarquista, mas que na verdade não passa de um burguês, fala inglês, lembrando George W. Bush, e a dependência do mundo em relação à língua inglesa. Onde estará a liberdade de se aprender uma nova língua? Não é mais um factor cultural ditado pelo dinheiro? Quando expomos este ponto de vista ao encenador, ele diz não ter pensado nisso, porque já trabalha com Anton Skrzypiciel há muitos anos. Mas concorda: “O confronto entre as línguas acaba por ser um confronto entre dois mundos”.

Esses dois mundos fundem-se com todos os mundos neste vaudeville que é “o teatro do futuro, como diziam os futuristas, onde tudo cabe, onde pode pôr-se tudo”. Incluindo o kuduro.



Cabe tudo no teatro do futuro de “O Banqueiro Anarquista”

F. D. SILVA